



# Literaturas africanas: da recolha de dados e imagens à expressão identitária e esteticamente reconhecível

*African literatures: from the recollecting of data and images to an identity expression esthetically recognized*

MIRIAM DENISE KELM  
UNIPAMPA



**Resumo:** o artigo discute o processual desenvolvimento da literatura africana narrativa de expressão portuguesa (tomada aqui de forma genérica, não respeitando as especificidades nacionais) ao longo das quatro últimas décadas, observando a passagem do posicionamento inicialmente ideológico, de cunho demarcadamente testemunhal e denunciativo, à gradativa construção de meios expressivos próprios e à assunção de uma identidade esteticamente reconhecível, junto à definição de temáticas recorrentes. Para tanto, basear-se-á em análise de texto surgido na década de 1970 em/com um autor emblemático como o é Uanhenga Xitu, chegando à produção atual, através de escritores como Ondjaki, Paulina Chiziane, Mia Couto e João Melo, abordando as diferentes funções e feições que a literatura africana desempenhou até então, e detém hoje.

**Palavras-chave:** Literaturas africanas de língua portuguesa; Funções; Identidade

**Abstract:** In this article, we discuss about the development in progress of African literature written in Portuguese language (this expression is used here in a general way which does not consider national peculiarities) along the last four decades. In summary, we intend to observe the passage from the initial ideological positioning, which is characterized by a testimonial and denunciatory component, to the gradual construction of particular expressive ways and to the assumption of an identity esthetically recognized in relation to the recurrent themes. To this effect, this work is based on the analysis of a text produced by the emblematic author Uanhenga Xitu in the 1970's, and on the actual production, through writers such as Ondjaki, Paulina Chinziane, Mia Couto and João Melo, in which we approach different functions and aspects that African literature has been showing until the current moment.

**Keywords:** African literatures in Portuguese language; Functions; Identity

## 1 Introdução (Da recolha de dados e imagens)

Na apresentação contundente do livro *Os sobre-viventes da máquina colonial depõem*, publicado em 1979, o angolano Uanhenga Xitu (também Agostinho André Mendes de Carvalho) oferece um testemunho inquietante, impulsionador de reflexão, a respeito da natureza da ação de escrever nos anos iniciais pós-descolonização. Citamos:

Nós não fazemos literatura, tenho de repetir mais uma vez aos leitores que me aconselham a aperfeiçoar o português. Eu pertenço a uma época em que nem todos tiveram o privilégio de aprender mais do que escrevo. E, para se chegar ao ponto presente, foi com grande esforço para vencer dificuldades de vária ordem e o medo, o receio, preconceitos, e ser atrevido. Literatura

fazem os homens possuídos de muita bagagem académica, isto é, segundo a minha maneira de ver, são os homens que frequentaram liceus e universidades, que assimilaram muita matéria no campo científico, económico e social, que têm uma visão global e ampla das ideias da Humanidade. Ao passo que nós, que o nosso liceu foi no arranjo da estrada, carregar sacos, apanhar algodão, rachar lenhas, e o pagamento bofetada e pontapé no rabo, pela máquina colonial, e a Universidade foi a cadeia, compreende-se, portanto, que o mais podemos oferecer aos leitores são as imagens que recolhemos durante esses anos de observação directa dos factos vividos na sanzala sem preocuparmo-nos com rendilhados e o estilo de bom português de verdadeiros escritores. Sou escritor de *mulala na mbunda*, misturando português, quimbundo e umbundo. Procuramos escrever de forma possível a ser compreendidos pelos leitores que se identificam

com a nossa linguagem e forma de viver... somos muitos, não fazemos literatura, apenas apanhamos dados, e daí talvez a verdadeira literatura no futuro venha a encontrar caminhos facilitados. (XITU, 1980, p. 11-12)

Apanhar dados; recolher imagens; testemunhar; misturar expressões idiomáticas distintas; contar a partir do vivido: a experiência da submissão; recorrer ao passado a fim de transpô-lo; reconhecer a função enfática, eminentemente denunciatória do texto; pressupor a falta da educação formal como um entrave à escrita; pressentir o fator processual em curso na construção do literário, do literário que demarcasse “um modo africano de dizer o modo africano de existir” (expressão e grifo nossos); é a isto tudo que Uanhenga Xitu se refere.

Também a noção de transitoriedade temporal de homens e mulheres em relação ao fato histórico que demandava as palavras – a luta pela independência, mais fortemente travada pelas então colônias africanas contra o imperialismo português, entre 1961 e 1974, foi percebida por Xitu que assim registrou: “A História demora fazer-se. As testemunhas oculares vão se apagando pouco a pouco, não aguentando o peso de idade e os efeitos dos sacrifícios que passaram.” (XITU, 1980, p. 17). Essas palavras refletem um estado momentâneo em que a urgência do registro vivencial se sobreponha, bem configurado nos países recém-libertos, mas que não ficou estancado.

Podemos observar como, em praticamente três gerações de escritores, deu-se o distanciamento das prerrogativas e circunstâncias iniciais, em direção à afirmação de uma literatura com caracteres próprios é uma oportunidade não desprezível para quem estuda o fenômeno literário. Para tanto, os Estudos Culturais, os Estudos Pós-Coloniais e a História da Literatura são as áreas invocadas, auxiliares na busca de uma reflexão esclarecedora sobre um processo tão intenso e que tanto tem a ensinar, já que boa parte das ditas “literaturas estabelecidas” com o início dos projetos-nação da modernidade fizeram semelhante percurso, ao desatrelar-se dos povos colonizadores, porém há muito tempo atrás. No caso dos países africanos de língua portuguesa podemos acompanhar de perto as transformações, valendo-nos, inclusive, da crítica e autocrítica formulada por estudiosos surgida internamente, e também dos próprios autores ficcionais que, cientes, se puseram a pensar sobre o assunto.

De Inocência Mata vem uma interrogação fundamental na avaliação do tema aqui proposto: “Se a concepção que a sociedade faz da sua literatura é inseparável da função atribuída a esta, qual é o lugar da literatura na construção da imagem e da identidade nos países descolonizados?” (MATA, 2007, p. 83).

Voltando à função primordial e às características a que se reportara Xitu nos anos 70 – uma literatura factual, mais ocupada do relato do sofrimento e dos efeitos da “máquina colonial” sobre os povos submetidos, podemos falar de dois momentos distintos: o ponto de partida, tanto da narrativa escrita quanto da representação da imagem/identidade nacional feitas à época, e o estágio atual, em que a produção literária e o estatuto de países com autonomia se firmam e vão se consolidando. A avaliação de tais circunstâncias revela o desempenho de diferentes funções, atribuídas à expressão literária, em temporalidades históricas e sócio-culturais dessemelhantes, ainda que se trate dos mesmos contextos geo-políticos. É o caso de países como Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

## 2 A crítica da herança colonial

Edward Said, referência nos Estudos Pós-Coloniais e não só, na obra *Cultura e Imperialismo* (1995), defende que o horizonte político principal e determinante da cultura ocidental moderna é o imperialismo e tanto a teoria crítica quanto a produção cultural (a narrativa e o romance em especial) devem ser lidos segundo uma relação de completa interdependência com esse fator. Os domínios ultramarinos, Said os chama “grande arquivo cultural” (p. 22), onde as “experiências divergentes” têm lugar privilegiado, admitindo que toda a experiência humana, mesmo comportando um núcleo subjetivo irreduzível, é, ainda assim, também histórica e secular, podendo ser submetida à análise e interpretação, mas – e isto é fundamental – não é passível de ser enquadrada em teorias totalizantes (nacionalistas, doutrinárias) ou construções analíticas fixas (p. 64). Assim:

Tão vasto e, ao mesmo tempo, tão detalhado é o imperialismo como experiência de dimensões culturais cruciais que devemos falar em territórios que se sobreponem, em histórias que se entrelaçam, comuns a homens e mulheres, brancos e não-brancos, moradores da metrópole e das periferias, passados, presentes e futuros; esses territórios e histórias só podem ser vistos da perspectiva da história humana secular em sua totalidade. (SAID, 1995, p. 98)

Dando mostras do quanto o “grande arquivo cultural” mencionado por Said, em que se transformou a experiência colonial, estava repleto da complexidade apontada, exemplarmente, o conto *Mestre Tamoda* (1977), de Uanhenga Xitu, texto, dentre todos os seus, o mais conhecido e estudado, irá flagrar a ruptura do indivíduo africano com o seu meio de origem e sua não-inclusão junto aos quadros populacionais dominantes, como um resultado da política civilizatória imposta aos povos

africanos. Sobre o assunto, Manuel dos Santos Lima tece o seguinte comentário: “Surge assim o Assimilado. Enquanto produto da colonização ele é, socialmente, um híbrido sentado entre duas cadeiras. [...] para os assimilados só restava o terceiro lugar, a condição de “pretogueses”, isto é, portugueses “de cor”, ou seja, nem uma coisa nem outra.” (LIMA, 2001, p. 207-210). Xitu “apanha” com precisão o núcleo da dissensão social – a cultura tocada em sua essência –, pois é no plano da linguagem, do meio expressivo e comunicativo que dá suporte às relações humanas, que se poderá observar a faceta mais silenciosamente devastadora do sistema colonial.

Como bem expõe Margarida Calafate Ribeiro, em *Uma história de regressos*. Império, guerra colonial e pós-colonialismo (2004), os estudos coloniais surgem a partir da necessidade de elaborar uma visão crítica de entendimento da história colonial, confrontando os registros do colonizador com as visões daqueles que não tinham sido ouvidos até então, os povos colonizados. A autora enfatiza, ainda, a necessidade de considerar todas as formulações teóricas surgidas neste âmbito como necessariamente híbridas e “moldáveis”, e que poderiam, com maior grau de precisão, ser designadas como conceitos operativos que tentassem dar conta dos vários aspectos a que o colonialismo deu origem (diásporas, miscigenação, fragmentação de povos e territórios, reorganização de identidades individuais e coletivas). Esses aspectos e outros tantos são vistos como resultado de um processo de grande dinamicidade e de interações culturais nunca pacíficas, mas inegavelmente conflituosas, como enfatiza Ribeiro. (RIBEIRO, 2004, p. 16-17).

### 3 De como imagem e identidade social/nacional encontram expressão na literatura africana

Em busca de “conceitos operativos” tem se empenhado a angolana Inocência Mata, ocupada nas últimas décadas em pontuar a literatura africana, demarcando-lhe suas especificidades e observando o seu desempenho, à luz, justamente, da crítica pós-colonial surgida no seio da sociedade por ela descrita. Diante da interrogação formulada inicialmente, neste artigo, sobre a função exercida pela literatura na constituição da identidade, Mata afirma:

porque essa imagem se constrói com elementos provenientes de várias áreas da condição humana; esse trabalho, que é primordialmente de desvelamento estético, deverá ter sempre em conta as relações com outros discursos. Isso convida – obriga – à integração do discurso crítico sobre a literatura numa zona de diálogo com outros saberes, para facilitar a evidência de nexos ideológicos e histórico-culturais na análise da obra. (MATA, 2007, p. 84)

Essas questões podem ser visualizadas através de um tema bastante explorado na narrativa africana, durante e logo após o processo de independentização, atravessado pela guerra colonial: o do nacionalismo crescente, cultivado pelos líderes do movimento pela libertação, e os rumos a que se pensava conduzir os países, uma vez livres do colonialismo. O livro *Mayombe* (1982) de Pepetela (Artur Maurício Pestana dos Santos), escrito entre 1971 e 1972, é um exemplo de obra em que sobressaem as preocupações político-ideológicas de uma época efervescente, utópica e contraditória. Neste sentido, trata-se de um texto com marcas cronotópicas tão evidentes que acabam por fragilizar a tecitura formal e estética que uma narrativa ficcional, pretensamente, deva comportar. A premência contingencial, que fez do texto uma formulação desveladora dos bastidores políticos ao tempo dos confrontos, dá-lhe um caráter mais acentuadamente documental do que propriamente ficcional.

No entanto, do ponto de vista da demarcação de estágios constitutivos da imagem e da identidade da nação angolana/africana, então “em projeto” em meio aos combates, trata-se de um texto basilar, o que atesta a premiação nacional recebida em 1980. Além disso, uma avaliação equilibrada deste texto terá, necessariamente, de levar em conta a historicidade com a qual dialoga e da qual se torna perfeito veículo expressivo. Confirmam-se as afirmações de Inocência Mata, ao apontar o entrelaçamento dos discursos de diferentes áreas como condição ao entendimento e acolhimento de obras da literatura africana.

Segundo uma perspectiva teórica mais tradicional, Anatol Rosenfeld (1976), ao discutir a essência e a função da literatura, detem-se sobre a interface “inevitável” entre literatura, sociedade e ideologia, pois às obras associam-se valores e ideias. As escolhas, não só em relação ao tratamento dos temas, diz ele, mas também em relação à organização interna da obra revelam, também, uma atitude valorativa frente ao mundo, nem sempre consciencializada, e que nas grandes obras não se apresenta com radicalismo, já que “a grande obra repele dogmatismos” (ROSENFELD, 1976, p. 58).

Ora, nem tudo o que está afirmado acima, na parte final mais especialmente, é aplicável aos textos que temos em vista, se pensarmos a produção literária surgida durante e logo após as guerras coloniais. Ao tratarmos da literatura africana que veio a público nos últimos quarenta anos, é preciso situá-la, antes de tudo, no contexto histórico por ela representado (absolutamente contemporâneo), dentro da perspectiva pós-colonial e segundo conceitos flexíveis que vão sendo construídos.

Há uma obra que se afasta dessa linha e se agrega à produção literária bem posterior: o livro de contos escrito em 1964 por José Luandino Vieira, *Luuanda*,

só publicado mais tarde, antecipa o tratamento a uma temática importantíssima no processo de representação das realidades locais a partir do “olhar de dentro” das comunidades maioritárias: aquelas que vivem nos *musseques*, os bairros pobres, como resultado primeiro da degradação econômica e social a que foram relegadas pelo sistema colonial. Enredos vigorosos, trazendo as singularidades de um viver “negociado” entre os pares angolanos e a hierarquização nas relações, imposta pelo colonizador, junto a uma narratividade repleta de expressões em kimbundo, saídas da fala cotidiana, fazem deste um texto admirável. Talvez seja Luandino Vieira aquele que, primeiramente, tenha apontado caminhos para os demais escritores no sentido daquilo que poderia ser transformado em escrita: as vivências genuínas do povo, a presença de uma ótica não-ocidentalizada, a permanência de uma tradição perturbadora da fixidez das diretrizes coloniais. Desta obra, diz-se ter contribuído para a integração cultural do povo angolano, por tratar de grupos desenraizados e deslocados, funcionando a modo de “um primeiro espelho” em que, social e culturalmente pudessem se reconhecer.

#### 4 Autores contemporâneos da literatura africana

Se para Uanhenga Xitu, nos anos 70, a literatura africana estava ainda por se fazer, segundo os critérios por ele apregoados, hoje tem-se um panorama bastante diferente. Autores de narrativas longas ou curtas, como Mía Couto, Paulina Chiziane, João Melo e Ondjaki, entre vários outros, são lidos, discutidos e, sim, contribuem com seus textos para a visualização dos *locus* de onde falam e a conformação da(s) identidade(es) nacional(is) que vai se perfazendo com todos os traços culturais que a constituem, pela via da linguagem literária.

De Mía Couto, destacamos alguns fatores ligados mais propriamente à formação pessoal, fundamentais para a composição de seu já apreciável percurso, tais como o importante contato na infância com a língua local, com dialetos e com moçambicanos de variadas etnias; a participação política significativa; o conhecimento das desigualdades sociais e dos problemas raciais, pois integra a geração que ajuda a reconstruir o país; o fato de que, através do jornalismo, conhece diferentes localidades e trabalha na construção de uma infra-estrutura na área das informações, tendo franco contato com as populações interioranas. (CAVACAS, 2006, p. 57-73).

Ainda, o contato com jovens de procedências diversas, histórias e elementos culturais distintos vai lhe dando a percepção de que a tradição é elemento ligado à identidade e resiste às tentativas de apagamento. Não por acaso, o escritor se afirma no conto inicialmente, porque mais próximo da tradição e da oralidade ancestral

que nele subjazem, e resgata uma peça relevante em todos os seus escritos: os provérbios, os microcontos, os ditados populares antigos e fluentes na tradição popular africana.

Assim, a língua portuguesa, pelo labor do escritor, se torna imbuída de várias culturas, pois Couto trabalha com a força geradora da palavra e investe nela; antecipa a “moçambicanidade”, através de uma escrita que flerta entre a formalidade da língua portuguesa e as potencialidades dos dialetos; resgata a oralidade e a traz para o universo da linguagem escrita (vide textos como *Mar me quer* (2002), também levado à cena). O encanto extraído do jogo de palavras, o lirismo, a graça, o perpassar levíssimo sobre aspectos dolorosos conduzem uma singela história de gente simples e podem ser reconhecidos até mesmo por quem não possui grande repertório de leitura (pensamos em nossos alunos da Graduação em Letras nos estágios iniciais). Também elementos próprios da cultura africana, como um outro modo de lidar com a morte/os mortos, vão sendo apresentados enquanto traços diferenciais que denotam (aos olhos dos leitores ocidentais) “o outro”, sua compleição, suas crenças, sua forma de ver a existência, o que torna o contato com esses textos uma experiência exponencial.

Em *O outro pé da sereia* (2006), sobressai um tema recorrente, tratado de modo diverso pelos quatro autores a que nos referimos: a herança colonial que se estendera por cinco séculos. Mía Couto une o passado quinhentista aos dias atuais, pontuando história, religião e cultura, numa mirada certa sobre a influência exercida pelos colonizadores portugueses e as transformações dos “ensinamentos” ocorridas no seio da sociedade africana que, tal como em outras épocas, “lê” e “traduz”, a seu modo, o que lhe vinha sendo imposto. Regina da Costa da Silveira, ao analisar a intersecção entre culturas nos países de colonização portuguesa, lembra da “batalha permanente” entre cultura dominante e cultura popular, em que não são obtidas vitórias, mas negociam-se posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. (SILVEIRA, 2009, p. 252). Mía Couto, estrategicamente, escolhe trazer à cena os dados desta “tensão”, sob a chancela do humor e do lirismo.

Com Paulina Chiziane, sem esquecer poetisas africanas de inegável poder expressivo que a antecedem na representação do feminino, tem-se um marco: uma primeira narrativa romanesca em língua portuguesa escrita por uma mulher/autora africana: *Niketche: uma história de poligamia*, 2004. Como bem aponta Thomas Bonicci, feminismo e pós-colonialismo se aproximam na ação de interrogar as superestruturas de pensamento patriarcal (BONICCI, 2000, p. 15-17). Tópicos significativos como linguagem, voz, discurso, minorias, subalternidade, silenciamento, identidade e alteridade passam a ser

recorrentes para o entendimento tanto da condição da mulher quanto da condição do colonizado.

Se a crítica feminista e a crítica pós-colonial buscam “conceitos operativos” para compreender as relações de poder reincidentes sobre os sujeitos tornados *objeto*, dentro de sistemas que lidam com os mesmos paradigmas, Paulina Chiziane sabe explicitá-las ao representar o viver feminino através da personagem Rami, que realiza uma incursão dolorosa sobre si mesma e seu papel dentro de um casamento poligâmico. Sobressai no texto, além do mais, a dicotomia social vivida no presente pelas sociedades africanas, percebendo-se a tensão entre tradição e modernidade visível nas relações homem e mulher, e também nas diferentes orientações históricas e culturais que provocaram uma forte distinção entre as “mulheres do Sul” e as “mulheres do Norte”. A identidade da África, especialmente das mulheres africanas, que se vai debatendo entre as formas ditadas pela orientação muçulmana e a cristã, encontra no romance de Chiziane, também cheio de recursos coloquiais e imagéticos, um exemplar muito apreciável de leitura.

Outra faceta explorada pela produção literária mais recente, a das relações inter-raciais e multiétnicas num contexto pós-colonial, completamente atrelada à discussão tanto do imaginário social, da autoimagem e da identidade, é a que poderíamos encaixar no termo mais amplo: o multiculturalismo. João Melo, valendo-se de sua experimentação vivencial intercontinental, representa no livro de contos *Filhos da pátria* (2008) a complexidade nas relações sociais oriunda tanto da multiplicidade cultural interna aos países africanos, no caso Angola, como a que se origina no intercâmbio proporcionado pelos deslocamentos humanos entre as nações de língua portuguesa.

Ao tratar, em seus contos, da luta pelo poder e ascensão de grupos étnicos na reconstrução dos países pós-independência, reconhecendo a reprodução de injustiças e grandes disparidades socioeconômicas; ao tratar dos preconceitos ligados às características raciais que afetam a conduta e as relações pessoais ainda hoje, João Melo flagra o cerne das questões identitárias nos países africanos: o jogo de diferenças e semelhanças, onde diversos elementos culturais se mesclam e, por vezes, disputam supremacia. Seus textos ficcionais estão em completa consonância com o que a teoria provinda dos Estudos Culturais tem observado.

Assim, Kathryn Woodward, ao analisar o tema, lembra que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas e, ao propor olhá-las sob uma perspectiva essencialista, diz que nela focalizam-se as diferenças, assim como as características comuns e partilhadas, levando em conta as alterações que o tempo traz; a identidade não é qualificada como fixa e rígida, mas aceita e absorve

as variantes como um exercício de flexibilidade que contempla melhor as nuances existentes (WOODWARD, 2000, p. 12). Neste sentido, João Melo contribui, pela via simbólica, com uma representação factível e coerente para as questões de ordem subjetiva e imaginária que afetam a inter-pessoalidade em seu país, inclusive, inserindo-se no texto frontalmente através do narrador.

Por fim, pertencente à jovem geração de autores, é possível reconhecer em Ondjaki mais alguns traços na configuração da nação que “se vê” e autorrepresenta pela via da escrita literária. Em *Os da minha rua* (2007), a reunião de contos retorna aos anos 80, período de privações no pós-guerra colonial, com a nítida presença soviética fazendo parte do cotidiano, retomado pelo olhar infantil. Neste texto de tom fortemente autobiográfico, a infância é mostrada como espécie de território iniciático, costurando lembranças com espaços geograficamente demarcados.

A Luanda da fase inicial de vida do narrador-menino pode ser contextualmente reconhecida nos arquivos históricos, mas é muito mais rica em nuances sociais, culturais e lingüísticas quando apresentada pelos artifícios literários. Nessa Luanda também o Brasil se reconhece, pelas menções a músicas e novelas brasileiras que lá circulam, que encurtam as distâncias e promovem câmbios inimagináveis. Não por acaso, devido à “novidade” do mundo aos olhos de uma criança e a nem sempre tranquila interação com esse terreno desconhecido, tão bem flagradas por Ondjaki, *Os da minha rua* tem sido obra escolhida com frequência pelos estudantes brasileiros dos cursos de Letras, em seus estágios como futuros docentes, a fim de oferecer um primeiro contato com a literatura africana a seus alunos.

Para finalizar, retornemos à interrogação de Inocência Mata lançada no início deste artigo: “... qual é o lugar da literatura na construção da imagem e da identidade nos países descolonizados?” (MATA, 2007, p. 83). Com os autores aqui elencados, procurou-se demonstrar a existência de textos diferentes em diferentes épocas, ou seja, as formulações escritas obedecem a diferentes motivações consoante as circunstâncias histórico-culturais em que nascem. Sinalizam, também, um envolvimento crucial dos autores com a representação de seus países, de suas realidades e da luta pela reorganização identitária no período pós-colonial, pela via simbólica da linguagem. Cruzar diversas áreas em busca de um melhor entendimento da produção literária africana, como afirma Mata, em especial a historiografia, as ciências políticas, os estudos literários, os culturais e os pós-coloniais é imprescindível para a compreensão do processo evolutivo que foi/vai sendo revelado.

Sem esquecer de uma especificidade histórica toda própria trazida à reflexão por Inocência Mata, a

de que a língua portuguesa, antes veículo de dominação passou a veículo de libertação, concluímos com suas palavras:

Em sociedades emergentes, com um passado colonial recente, a literatura é um veículo muito importante na construção da identidade literária. Isto é: por razões que tem a ver com a especificidade do processo libertário, a identidade literária tornou-se uma componente fundamental do cadinho da identidade que se pretende nacional. Ora, essa identidade, que tem que pensar-se sempre plural, mesmo em países menos heterogêneos, não se realiza numa só língua – nunca é demais repeti-lo. (MATA, 2007, p. 86)

## Referências

- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura*. Estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.
- CAVACAS, Fernanda. Mía Couto: Palavra oral de sabor cotidiano/palavra escrita de saber literário. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tânia. (Orgs.). *Marcas da diferença*: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006. p. 57-73.
- LIMA, Manuel dos Santos. Eu não sou eu nem sou o outro. II Congresso Internacional sobre a Guerra Colonial. 2001, Seixal. Livro de Actas. In: TEIXEIRA, Rui de Azevedo (Org.). *A guerra do ultramar*: realidade e ficção. Lisboa: Notícias, 2002. p. 207-210.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial*. Reconversões. Luanda: Editorial Nzila, 2007. Col. Ensaio, 40.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções*. Ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Col. Memória das Letras, 10.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos*. Império, guerra colonial e pós-colonialismo. Porto: Afrontamento: 2004.
- ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Tomaz T. *Identidade e diferença* (A perspectiva dos Estudos Culturais). 5. ed. São Paulo: Vozes, 2004.
- SILVEIRA, Regina da Costa da. Oralidade e tradição: Mía Couto e Guimarães Rosa. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel; SILVEIRA, Regina da Costa. (Orgs.). *Redes & capulanas*: identidade, cultura e história nas literaturas lusófonas. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2009. p. 241-254.
- Obras ficcionais:**
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COUTO, Mía. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COUTO, Mía; LUÍZA, Natália. *Mar me quer*. Coimbra: Cena Lusófona, 2002. (Teatro)
- MELO, João. *Filhos da pátria*. São Paulo: Record, 2008.
- ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Visão e Dom Quixote, 2003.
- VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. 2. ed. Lisboa: Ed. 70, 1981.
- XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e Kahitu*: contos. São Paulo, Ática, 1984.
- XITU, Uanhenga. *Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Lisboa: Edições 70, 1980.

Recebido: 02 de junho de 2011  
Aprovado: 30 de junho de 2011  
Contato: miriam.kelm@unipampa.edu.br